

O BRASIL DESCONHECE FRANS KRAJCBERG

Adriana Lima*

* Ms. em Educação pela Universidade de Sorocaba. Psicopedagoga, Arteterapeuta e Profa. Faculdade UNIESP/Sorocaba. Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: dri.lima08@hotmail.com

A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 20, foi realizada de 13 a 22 de junho de 2012, na cidade do Rio de Janeiro. Este evento marca os vinte anos de realização da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio – 92), que contribuiu para definir a agenda do desenvolvimento sustentável mundial para as décadas seguintes.

O objetivo da Conferência foi a renovação do compromisso político dos países participantes com o desenvolvimento sustentável, através da avaliação do progresso e também das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto, assim como a abordagem de novos temas.

O Brasil é considerado um país emergente dentro o cenário político econômico mundial, um dos principais condutores de políticas ambientais e o detentor de uma das reservas naturais mais importantes do mundo, a Floresta Amazônica.

Quero ressaltar a participação de uma personalidade importante nesses dois eventos: a Eco-92 e a Rio + 20. Frans Krajcberg é um escultor de imagens do desmatamento no Brasil, um educador em prol do meio ambiente, um artista que possui estilo único e que, incansavelmente, não abre mão de seu ideal de vida e nem se deixa corromper pelo mercado. O artista escolheu o Brasil como cidadania, entre tantos outros países, principalmente pelo contato com a natureza proporcionado pela sua exuberância: a Mata Atlântica, o Cerrado e o Pantanal Mato-grossense.

Na Eco-92, realizou-se uma exposição que teve como tema “Imagens de Fogo” que causou grande impacto no público e reuniu mais de 300 mil visitantes em poucos dias.

É sobre a arte e o meio ambiente que proponho uma reflexão.

Sobre o meio ambiente, o Brasil é hoje o foco mundial de expectativas, mas infelizmente ainda não assumiu essa importante missão, que consiste em apontar diretrizes e propor soluções

para os outros países. Sobre a nossa cultura, historicamente não lhe damos o devido valor, especialmente à arte.

Frans Krajcberg possui atualmente 91 anos de idade, abriu mão de sua nacionalidade polonesa logo que chegou ao país, fugido da guerra em 1947, pois perdeu toda sua família nos campos de concentração nazista. Não se casou e nem constituiu família por não compreender os homens e achar mais difícil a convivência com eles do que viver solitariamente em meio à natureza, em Nova Viçosa, sul da Bahia. Decidiu não reproduzir a sua espécie, pois entre tantas, a humana é capaz de atitudes que a razão não consegue explicar. Em suas palavras “quem passa pela guerra como eu passei, é impossível viver com o homem” (LIMA, 2007, p. 92).

Para Krajcberg, o artista deve participar do contexto social através da cultura; deve transpor os valores e os problemas da época para a sua obra. A arte deve mostrar a realidade da sociedade, entretanto, Krajcberg diz que o “muitas vezes o mercado

[...] lança artistas, sem expressão nenhuma, e que quanto mais ele vende, mais o preço das suas obras sobe” e complementa observando que “o jovem talento faz coisas que o mercado quer, mas que não tem nada relacionado com a nossa realidade” (LIMA, 2007, p. 91).

Nesse sentido, o exemplo materno lhe foi fundamental; defender a vida e combater as desigualdades sociais. Bina Krajcberg teve presença forte, marcante e determinante em sua vida, pois em 1939, quando Hitler invade a Polônia e é declarada a II Guerra Mundial, Bina é morta por ser integrante do movimento comunista.

Lismonde e Mollard (2005, p. 26) descrevem o Holocausto como “*trois millions de morts dans la seule Pologne [...] camps de la mort: Treblinka, Birkenau, Sobibór, Majdanek, Auschwitz*”, ou seja, três milhões de mortos nos vários campos de concentração nazistas, só na Polônia.

Ainda segundo Lismonde e Mollard (p. 17) “*aux yeux de Frans, Bina Krajcberg, est une véritable héroïne [...] se mère est très absorbée par la politique*”. Para Krajcberg, Bina foi uma heroína que ele admira pela sua força de caráter e pela inteligência profunda acerca do mundo, bem como por sua absorção pela política.

Lismonde e Mollard (p. 18) especificam “*son thème favori? C’est par l’instruction que passe l’émancipation des peuples*”. Seu tema favorito era a instrução para a emancipação das pessoas.

A dedicação de Bina à política custou-lhe a vida, cujo testemunho foi seu filho Frans que, impotente ao horror do nazismo, apenas constatou os fatos.

Lismonde e Mollard (2005, p. 27) descrevem a cena: “*Frans découvre plusieurs cadavres allongés par terre [...] Soudain, je vois le beau visage de ma mère, complètement résulsé par la strangulation qu’on lui infligée. Les bourreaux n’avaient même pas pris la peine de lui retirer la corde qui lui serrait le cou!*”. Frans depara-se com cadáveres pelo chão e a imagem da mãe estrangulada, ainda com a corda em seu corpo.

Bina encontrou no pensamento comunista um ideal que, cuidadosamente, apesar da clandestinidade, passou para seu filho Frans que, ainda jovem e ansioso para aprender, ouve, entende e retém o conhecimento e o exemplo.

Nos vários momentos difíceis que Krajcberg viveu e nos outros tantos em que pensou em desistir, o exemplo materno foi determinante, pois se questionava “*mais Frans n’est-il pas les fils de la grande Bina Krajcberg morte em communiste pour les idées communistes! Penser à elle lui donne du courage*” (LISMONDE; MOLLARD, 2005, p. 30). Perguntava a si próprio: não sou filho da grande Bina que morreu por seu ideal? Isso lhe dava coragem!

Este ideal Krajcberg inicia em 1957, quando é reconhecido e premiado na Bienal de São Paulo, com a obra Samambaias, que inspirou no artista uma nova forma de expressão: impressões diretas da natureza. Ele encontra não só seu estilo artístico, mas uma causa a defender: o meio ambiente. Como? Através da sua expressão artística, da sua arte.

Seu percurso artístico foi delineado aos poucos, por fases que passaram da impressão natural dos papéis japoneses à composição de pedras, dos cipós às brocas, das sombras às esculturas que se estruturaram conjuntamente com seu discurso cada vez mais enfático contra o desmatamento, a matança de animais e índios, o plantio de eucalipto, a fome, a miséria, a transposição dos rios e a passividade do povo brasileiro frente a todos esses fatos.

Suas esculturas são feitas com restos de madeira calcinada retirada das florestas dos estados do Paraná, Mato Grosso, Espírito Santo, Bahia e Amazonas. Ele não só retira o material queimado para suas esculturas, como registra com fotos todos esses eventos, para ele tão

aterrorizantes quanto o Holocausto, que também presenciou. Possui um acervo de fotos enorme. Sua intenção e intervenção se consolidam quando ele leva “pedaços da floresta queimada, fotos ou filmes” para os espaços públicos, como denúncia e protesto, o que consiste numa atitude artística, pedagógica e cidadã. Esta é a sua obra e que se mistura com a sua vida.

Em 1978, Krajcberg, em companhia de Seep Baendereck e Pierre Restany, percorre os rios Purus, Solimões e Negro e cuja experiência surgiu O Manifesto do Rio Negro – Naturalismo Integral, segundo o qual desejavam lançar as bases conceituais para uma nova consciência ambiental e existencial – o Naturalismo Integral.

Krajcberg intitula-se uma pessoa revoltada, mas comenta que não adianta nada gritar pelo mundo, pois seria preso ou tido como louco. Revolta já foi tema de suas exposições e de seu livro. Ele prefere agir e intervir com a sua arte de protesto.

Krajcberg, (apud JUSTINO, 2005, p. 28), afirma: “minha obra é um manifesto. Eu mostro o crime. Eu mostro a violência feita à vida. Eu exprimo a consciência planetária revoltada. Busco formas para o meu grito. Esta casca de árvore queimada sou eu”.

O artista complementa (JUSTINO, 2005, p. 53) “cada vez que eu vejo pilhas de árvores queimadas pelos homens, não tenho como não pensar nas cinzas dos fornos crematórios: as cinzas da vida, as cinzas dos homens enlouquecidos”.

É atualmente um artista reconhecido internacionalmente e suas obras estão cada vez mais valorizadas no mercado de arte. A reportagem escrita por Greenhalgh (2012, p. J4) relata o último prêmio que Krajcberg “recebeu em Março, no Japão, o Enku Grand Award, o mais importante do país [...] e é o único estrangeiro a receber”.

Outro ideal que procura concretizar é os espaços de discussão sobre a arte e meio ambiente, que atualmente existem dois: um em Curitiba (no Jardim Botânico), Paraná e o outro, em Paris (em Montparnasse), França.

Sobre o Espaço Frans Krajcberg em Curitiba desde 2006 quando o entrevistei, comentou sobre o descaso e posteriormente quando estive em Curitiba constatei a sua decepção: o local encontrava-se realmente abandonado.

Krajcberg doou à cidade de Curitiba, no ano de 2003, aproximadamente 100 obras para criação do Espaço Cultural Frans Krajcberg, que tem 1.300 metros quadrados de espaço físico no Jardim Botânico.

A intenção do artista era de que o público pudesse ver suas obras de arte, discutisse temas ligados ao meio ambiente e que tivesse, ainda, acesso a um centro de referências em artes. A cidade de Curitiba, em 2003, foi intitulada a capital Latino-americana da cultura; ela abrigava uma Universidade Livre do Meio Ambiente e, com o Espaço Frans Krajcberg, pretendia dispor de mais um centro de discussão e referência em ecologia.

Curitiba, nesse ano, integrou a comissão gestora da Rede Ibero-Americana da Cultura, que visava “domesticar” o processo de globalização e evitava que este sufocasse as culturas locais. O programa integrava 32 cidades em todo o continente e procurava mecanismos que favorecessem o intercâmbio cultural, que ampliassem o diálogo e que combatessem a exclusão social no continente.

Frans Krajcberg (2003, p. 7) em seu discurso relata:

Cheguei ao Brasil em 1947 e dele fiz meu país. Ao viver no Paraná, em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas e no Sul da Bahia, percebi que minha missão como brasileiro era denunciar, gritar por um equilíbrio ecológico, pelo fim das queimadas, dos desmatamentos desmedidos, das destruições, da dizimação dos povos indígenas, contra as desigualdades sociais e pela conscientização e qualificação do cidadão brasileiro. O homem depende de uma natureza que desconhece e no desconhecimento agride.

Formar uma nova consciência é essencial para que as gerações futuras existam e vivam plenamente todas as potencialidades do ser humano. Os idealizadores desse projeto estavam convictos de que os artistas também têm o que dizer sobre essa questão e podem contribuir decisivamente para um futuro mais equilibrado e próspero, para que a humanidade saiba como explorar o meio ambiente sem depredá-lo.

O Espaço Frans Krajcberg foi proposto para proporcionar: exposições permanentes, mostra de vídeos, debates, seminários, suporte para pesquisas, ações que visassem à educação ambiental e evidentemente a discussão e a reflexão sobre a arte e o meio ambiente. Frans Krajcberg doou além de inúmeras esculturas de grande porte, seu acervo pessoal de vídeos, fotos e textos para compor ações educativas, suas principais publicações para iniciar uma biblioteca que no futuro deveria se constituir num centro de documentação e referência sobre o binômio, arte-ambiente.

A prefeitura de Curitiba, por meio da Fundação Cultural que coordenava as ações culturais na cidade, deveria gerir mais este importante serviço de formação de cidadania. Um projeto grandioso, importante, promissor.

Em 2006, em visita a este espaço me deparei com um esquecimento quanto às propostas iniciais, o que já seria entristecedor. As obras encontravam-se abandonadas e deterioradas. A medida mais eficaz e correta, além de ética, seria solicitar ao artista a restauração, mas, para minha surpresa, a solução encontrada a essa questão foi uma maneira muito simplista: a pintura das obras. Se este já era um motivo para indignação, existe outro ainda maior: sem o consentimento e o conhecimento de Krajcberg.

Indignação, revolta, descaso, ignorância, não sei qual palavra utilizar para expressar tamanho absurdo, tamanha violência. A cidade que se diz defensora da arte, da cultura e do meio ambiente traiu seus próprios princípios numa atitude lamentável sobre o que se propôs a defender: arte e meio ambiente. Apropria-se de um patrimônio cultural, ético, estético, ecológico, filosófico, de uma vida dedicada à produção artística, um ideal de vida. A obra não é simplesmente um objeto de propriedade cultural manuseado pelo poder público, que decide o quê, quando e como utilizá-lo, mas é um patrimônio cultural da humanidade.

O artista encontra-se lúcido, vivo e disposto a restaurar suas obras, de modo consciente. Como não se indignar mediante a este fato? Como não lamentar que tanto a arte, como o artista sejam explorados em alguns momentos convenientes e renegados em outros não tão interessantes? Como não questionar a utilização/apropriação/conservação/exploração das obras de arte? Com quais finalidades elas estão sendo utilizadas? Por que o descaso com o artista? Poderíamos fazer o mesmo com Van Gogh, Picasso, Renoir ou Da Vinci?

Nesse sentido Krajcberg esclarece (LIMA, 2007, p. 97)

[...] eu ofereci a cidade de Curitiba 110 esculturas, um pedaço da minha vida de trabalho, de luta [...] meus trabalhos estavam abandonados, arrebatados, e pegaram tinta e repintaram, para isso tem leis internacionais porque ninguém tem o direito de tocar numa obra de arte. Cada vez que troca um prefeito, eles fazem o que querem [...] só falta o prefeito atual jogar tudo no lixo, tudo é possível.

Em 2005, quando o entrevistei, achei a sua colocação totalmente improvável, mas confesso estar chocada ao constatar que após sete anos esse fato está prestes a se concretizar.

Para piorar ainda mais a situação, o Boticário, que é uma indústria de cosméticos e que possui slogan em defesa das causas ambientais, assumiu em 2012, a área onde se encontra o Espaço Frans Krajcberg e solicitou a retirada das obras de lá, para um lugar incerto. O artista solicitou a devolução das obras, mas Curitiba não abre mão da doação. Esse acervo “está cotado em R\$ 300 milhões” (GREENHALG, 2012, p. J4).

Este impasse está longe de se resolver, é estarrecedora essa situação e, aliás, há outras circunstâncias semelhantes: como o processo da Bahia para a construção do Museu Frans Krajcberg, que está parado por entraves burocráticos e de São Paulo, que não quis acolher o artista no Parque do Ibirapuera. Em todos os casos, o artista se propôs a doar o acervo.

Ao encontrá-lo na França, na Fundação Frans Krajcberg, em Montparnasse este ano, tive o privilégio de ouvir todos esses tristes comentários além de outros tão importantes que mostram sua lucidez e seu engajamento político econômico.

Momentos que se iniciaram, com um almoço num restaurante indiano, acompanhado de um bom vinho. Sugeri também que eu experimentasse sua sobremesa favorita.

Nesse dia o artista estava alegre, descontraído e sorriu por diversas vezes.

Enfatizou que a sua intenção na doação das suas obras para Curitiba sempre foi para que as pessoas tivessem um acesso mais rápido a elas, mas que seu desapego às questões materiais não são valorizadas. Questionou que se os órgãos públicos tivessem que pagar por essas mesmas obras talvez elas não tivessem o mesmo descaso.

Em suas palavras, “o homem só dá valor ao que compra, ao que paga”. Comentou estar cansado da vida, das decepções com o homem e admitiu as limitações da sua idade, mas disse sentir-se bem e que procura não pensar sobre elas. Complementou que ainda há muito que aprender e fazer.

Enfatizou a sua participação na movimentada vida cultural no bairro de Montparnasse, há mais de cinquenta anos, e que possui inúmeros amigos nesse local, entretanto, lamentou que hoje só há prédios e comércio. Ressaltou a importância cultural que a França sempre teve perante o mundo, e que, no entanto, até isso se perdeu. Em sua análise, o comércio e o valor monetário absorveram os ideais. Observou a interferência da migração existente nos diversos países em função da produção e da mão de obra barata: na França, a migração dos países colônia e da

China; na Escócia, dos indianos; na Inglaterra, dos muçulmanos. Relatou que quando está em Paris lê diariamente pelo menos dois jornais por dia: Le Monde e Libération.

Seu ressentimento é claro quando comenta que chegou ao Brasil em 1948, e em 1957 naturalizou-se brasileiro, porém, até hoje se referem a ele como polônês.

Presenteou-me com um Catálogo do Museu Frans Kracjberg em Montparnasse e eu lhe pedi seu autógrafo, claro. Mostrou-me o último livro publicado pelo Estado da Bahia em comemoração ao seu 90º aniversário, com fotos exclusivas e textos em papel reciclado. Um primor!

Sobre a minha viagem, Frans Kracjberg perguntou quais museus eu havia visitado em Paris, e questionou-me sobre o motivo pelo qual eu não conheceria outros sugeridos por ele: tristemente, respondi que o tempo não me permitiria, pois retornaria ao Brasil. A visita à Torre Eiffel e à Champs-Élysées também foram deixadas de lado para que eu pudesse usufruir da companhia de Kracjberg.

Ao me despedir, deu-me orientações a respeito do metrô, um gentleman. Mas, infelizmente, me envergonho da nacionalidade brasileira nesse instante. Diante de um artista tão brilhante que palavras seriam suficientes para descrever meu sentimento? Agradecer a sua atenção e o seu desabafo? Nenhuma, ou talvez esse texto.

Saber sobre um artista morto é visitar um museu, ver a imagem. Ler a sua biografia é a imagem contextualizada. Testemunhar as inquietações de um artista vivo é pura emoção transmitida pelo próprio interlocutor. Uma raridade que eu tive o privilégio de vivenciar.

Para finalizar, utilizo a frase “*Frans effectue de cette manière une sorte de traversée symbolique et artistique dans la nature, aux frontières de son humanisation [...] une traversée des feux de la vie et de la mort [...] dont sans cesse Kracjberg a ressurgi, tel Le Phénix*”. LISMONDE; MOLLARD, 2005, p. 160). Frans faz a sua travessia artística simbólica pela natureza, humanizando além das fronteiras, uma travessia de fogo, da vida e da morte, mas que não o impede de ressurgir, como Fénix.

REFERÊNCIAS

- CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba. Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Espaço cultural Frans Krajcberg**. Curitiba. 2003. Catálogo.
- GREENHALGH, Laura. Vida além da retórica. **Folha de São Paulo**, 17 jun. 2012. p. J1-J5.
- JUSTINO, Maria José. **A tragicidade da natureza pelo olhar da arte: Frans Krajcberg**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.
- KRAJCBERG, Frans. Meu alfabeto são as imagens. In: CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba. Secretaria Municipal de Curitiba. **Espaço cultural Frans Krajcberg**. Curitiba: Ipsis Gráfica Editora, 2003. p. 7
- KRAJCBERG, Frans. **Revolta**. Rio de Janeiro: GB Arte, 2000.
- LIMA, Adriana Teixeira. Frans Krajcberg e a sua contribuição à educação ambiental pautada na teoria das representações sociais. **Cadernos Cedes**, Campinas, SP, v. 29, n. 77, 2009.
- LIMA, Adriana Teixeira. Frans Krajcberg: um cidadão planetário (entrevista). **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 33, n. 1, p. 91-99, jun. 2007.
- LISMONDE, Pascale; MOLLARD, Claude. **Frans Krajcberg: la traversée du feu**. Paris, França: Isthme Éditions, 2005.
- MANIFESTO do Rio Negro. Disponível em: <<http://lanore.club.fk/fkmanifestoportugues.html>>. Acesso em: 17 set. 2006.